



## Teodiceias em O Senhor dos Anéis *Theodicies in The Lord of the Rings*

Rodrigo Follis\*  
Fábio Augusto Darius\*\*  
Ismael Silva\*\*\*

**Resumo:** O presente artigo se dedica ao estudo do conceito de teodiceia que emerge da construção da obra O Senhor dos Anéis, produzida originalmente por J. R. R. Tolkien. Buscou-se comparar a teorização de Collin Campbell quanto a uma suposta mudança da teodiceia ocidental, que estaria sendo influenciada na cultura e na religião para aderir a um conceito epistemologicamente oriental. Para tanto, se utilizou a análise fílmica e do discurso para abordar três cenas da obra. Percebeu-se que, apesar da aparente possibilidade de uma pluralização na construção teodiceica, não é possível acusar Tolkien ou Jackson de fugirem a uma tradicional construção de teodiceia a partir da perspectiva ocidental. Entretanto, é plausível argumentar que, apesar da construção da narrativa em si não aparentar traços orientalistas, mostra interessantes perspectivas e desdobramentos da presente discussão.

**Palavras-chave:** Teodiceia. O Senhor dos Anéis. Metanarrativa. Análise fílmica.

**Abstract:** This article focuses on the theodicy concept that emerges from the work construction of The Lord of the Rings, by J. R. R. Tolkien. We compared the theorization issued by Collin Campbell regarding a supposed western theodicy change, which was being influenced in culture and religion to adhere to a concept of epistemologically oriental origin. It was realized that despite the apparent possibility of a pluralization in theodicy construction, which would corroborate Campbell's premise, it is not possible to accuse Tolkien or Jackson of escaping a traditional theodicy construction from the western perspective. However, it is possible to argue that, although the construction of the narrative itself does not have orientalist traits, its reception was not necessarily seen in this way, which was not the object of the present study, but shows interesting perspectives and developments of this discussion.

**Keywords:** Theodicy. Lord of the Rings. Metanarrative. Film analysis.

### Introdução

Como nos lembra Canale (2018, p. 213), “quando fazemos teologia [...] nossa mente trabalha com dados revelados tentando interpretá-los. Para interpretar dados, nossa mente usa ideias que já possui a partir das experiências anteriores com o objetivo de atribuir sentido às novas experiências”. Sem esquecer o lado racional da teologia, é preciso ir, ao se pensar teologicamente, para além do processo cognitivo iluminista

---

\* Professor na UNASP (Engenheiro Coelho-SP). Doutor em Ciências da Religião. ORCID: 0000-0002-5206-2540 – contato: [rodrigo.follis@unasp.com.br](mailto:rodrigo.follis@unasp.com.br)

\*\* Professor na UNASP (Engenheiro Coelho-SP). Doutor em Teologia (EST, São Leopoldo-RS). ORCID: 0000-0001-6877-940X – contato: [fabio.darius@unasp.edu.br](mailto:fabio.darius@unasp.edu.br)

\*\*\* Especialista lato-sensu em missiologia (UNASP, Engenheiro Coelho-SP). ORCID: 0000-0002-5092-7969 – contato: [ismaelsilva@icloud.com](mailto:ismaelsilva@icloud.com)

e se abrir às experiências do ser como um todo. Algo que, segundo Lopes (2006, pp. 148-149), Tolkien, o escritor de *O Senhor dos Anéis*, tinha em vista ao criar e justificar seu mundo mítico. Afinal, ele temia “os efeitos desumanizadores de uma visão de mundo que” pudesse “restringir a realidade apenas àquilo que é sensível e mensurável, ou que” eliminasse “a dimensão espiritual” e/ou criativa da vida humana. Dentro dessa lógica é possível criar mundos imaginários ao mesmo tempo em que se constrói uma cosmovisão cristã.

O que acontece é que, muitas vezes, o encontro entre Deus e o cotidiano passa despercebido da academia. Precisamos considerar que todas as produções na cultura humana falam, mesmo que embrionariamente, a respeito de qual Deus a humanidade acredita. Isso se mostra através de suas cosmovisões e práticas discursivas, as quais são passíveis de análise. Com isso, existiria religião dentro até mesmo de pequenas ações e questões de nossas vidas (Carmo, 2017; Bobsin, 2012).

Segundo Duriez (1992, p. 94), tanto C. S. Lewis como J. R. R. Tolkien acreditavam “que os produtos da imaginação que se manifestam nas artes podem ser considerados, de certa forma, verdadeiros. O mito pode tornar-se fato. Era essa a postura que motivava ambos a criar mundos secundários, ou subcriações, tão consistentes quanto a Terra Média ou Perelandra”. Para eles “a ficção é produto de um processo de criação de sentido, que reflete a criatividade maior, manifestada por Deus ao conceber e compor o universo e a nós mesmos.” Por isso, não causa estranhamento ao teólogo e ao cristão leigo preocupar-se com tais temáticas e debates artísticos em sua fé e estudo.

A partir desses pressupostos, o presente artigo se debruça em como o conceito filosófico da teodiceia é construído dentro da trilogia de livros e filmes *O Senhor dos Anéis* (2001-2003). A discussão pretende verificar a forma que a contextualização de uma obra, que foi vista por multidões, pode ser usada para propósitos existenciais. Mas por que analisar esses livros/filmes para discutir o que aqui se propõe?

Além da própria justificativa dada anteriormente, acrescenta-se a influência dessa obra no cenário cultural pop, que é tão grande quanto longa. Desde seu lançamento como livros, originalmente escritos por J. R. R. Tolkien entre 1936 e 1949, até os filmes gravados na Nova Zelândia e lançados entre 2001 e 2003, percebe-se uma grande aceitação de tal narrativa dentro de sucessivas gerações. Os filmes dirigidos por Peter Jackson tiveram grande sucesso, alcançando quase US\$ 3 bilhões em bilheteria (*The lord of the rings / film series*, 2019), sendo uma das séries mais lucrativas da história do cinema, com quase US\$ 6 bilhões de lucro bruto mundial.

Além disso, optou-se por analisar a referida obra por conta da expressa religiosidade do autor, atestada por inúmeros livros e cartas escritas por ele (Tolkien, J.; Carpenter; Tolkien, C., 2000). Em contraste com essa religiosidade abertamente cristã, é interessante notar como o autor também se utiliza de imagens, representações, ritos e símbolos que se distanciam daqueles utilizados tradicionalmente dentro da perspectiva ocidental, privilegiando os mitos nórdicos para a base de sua escrita. Muito já se questionou sobre se essa utilização poderia indicar um tipo de uma ruptura epistemológica na construção de sua teodiceia. Essa busca acaba se tornando ainda mais relevante dentro da discussão fílmica quando nos deparamos, como remonta Casagrande (2018, p. 84), com a crítica de 2012 feita por Christopher Tolkien, filho e herdeiro do espólio literário, de

que a produção do filmes acabaram por reduzir “o impacto estético e filosófico da obra a nada”. Se assim o fez, o que sobraria de tal construção? Ainda pode-se dizer que ela é cristã, tal como pensada originalmente por seu autor, e que estaria dentro da teodiceia que ele apregou ao escrever?

Assim, partimos aqui do pressuposto inicial de Casagrande (2018, p. 71), que nos lembra de que “Tolkien, apesar de rejeitar interpretações alegóricas, não teria aceitado a acusação de a religião não estar presente em sua obra. Afinal, elas estariam “plenas do pensamento cristão, porém em um ambiente pré-cristão”. Nas palavras do próprio autor (Tolkien, J.; Carpenter; Tolkien, C, 2000, p. 211), sua obra escrita descreve “um mundo monoteísta de ‘Teologia Natural’. O estranho fato de que não há igrejas, templos, rituais e cerimônias religiosas é parte do clima histórico descrito.” Mas, e os filmes?

Para se alcançar o objetivo do presente artigo, ele se divide em dois momentos: no primeiro, abordaremos a teoria de Campbell quanto à mudança de paradigma da Teodiceia Ocidental a partir do avanço da Teodiceia Oriental, o que poderia ajudar na construção de uma base para analisar se o filme estaria dentro de uma lógica supostamente mais mística. No segundo, discutiremos três cenas dos filmes/livros *O Senhor dos Anéis*, analisando se, através delas, podemos visualizar e discutir ao menos parte dessas mudanças de Teodiceias e seus possíveis impactos.

## Metodologia

Para atingir os objetivos propostos, utilizou-se de uma junção de análise do discurso (Orlandi, 2012; Rocha, Deusdará, 2005) com a análise fílmica (Mombelli et al., 2014) associadas com a noção da produção de uma matriz religiosa que deriva do cotidiano para explicar o transcendente (Cunha, 2007; 2004).

Para Rocha e Deusdará (2005), ao analisar um filme, como é proposto no presente artigo, devemos crer na existência de uma realidade completamente independente de nosso modo de acesso a ela; e que também há um tipo de acesso privilegiado que nos conduziria, graças a uma busca constante de objetividade, à realidade tal como ela verdadeiramente existiria. É correto que a sequência de imagens que vemos na trilogia de *O Senhor dos Anéis* apresenta elementos para interpretação direta do espectador, sem necessidade de maiores discussões. Porém, existem outros elementos que se expandem através de uma análise mais profunda e que consideram as condições históricas e ideológicas de sua produção. Em resumo, não basta explicitar possíveis imagens e cenas da trilogia *O Senhor dos Anéis* que remetam a uma história fictícia da Terra Média. É preciso ir além do interesse pelas referidas imagens discursivas construídas. É necessário pegar essas imagens e ancorá-las sócio-historicamente, de forma que seja possível entender por qual objetivo foram escritas e/ou filmadas, e como elas se aplicam à nossa realidade cultural. O objetivo não é que um pesquisador faça escolhas interpretativas do filme, mas que se pense as vozes que ressoam, atravessam e abalam o enredo de uma narrativa (Rocha, Deusdará, 2005, p. 319). E, no presente trabalho, as vozes de que estamos em busca são aquelas que captam no filme uma religiosidade do cotidiano que mostre, de alguma forma, ao menos parte de sua constituição teodiceica.

Diante do acervo de cenas e informações disponíveis após a análise dos teóricos, optamos por realizar uma triagem na qual o protocolo metodológico estabelecido para escolhê-las visou reunir as que apresentassem um conteúdo que pudesse ser útil quanto ao contexto proposto. Portanto, foram escolhidos elementos representativos dos principais pontos abordados teoricamente na presente discussão, para o entendimento global da obra e da teoria aqui analisada. Foi escolhida, dentro da narrativa dos filmes, uma cena importante em cada um deles. Os três recortes discursivos foram sobre os personagens Frodo, Gandalf e Aragorn. A escolha deles se deu por sua importância no desenvolvimento narrativo da trilogia. Assim, as cenas selecionadas foram as seguintes:

- No primeiro filme da série, *A sociedade no anel*, escolhemos o chamado de Frodo para ser o guardião do anel, momento importante e que servirá de linha narrativa por toda obra. Também abordamos sua relação com Gollum.
- No filme *As duas torres*, o segundo da série, a cena escolhida foi a Batalha de Hornburg. Nela as forças de Sauron prevaleciam contra o exército de Aragorn, mas Gandalf chega, em um cavalo branco, e com um exército, para os derrotar. Momento decisivo de virada na trama.
- Por fim, no último filme da trilogia, *O retorno do rei*, escolhemos o clímax da batalha final no Portão Escuro, momento em que a sociedade do anel alcança a vitória final restabelecendo a paz na Terra-Média.

Para a análise das cenas, optou-se por colocá-las dentro de um protocolo metodológico de cinco pontos derivados da matriz religiosa, tal como proposta por Cunha (2004) através da junção de vários autores e explicada a seguir. Nos apropriaremos apenas das categorias sistematizadas, não entrando em detalhes quanto à discussão em si sobre a realidade brasileira, tal como analisada por essa autora. Afinal, os filmes em questão não foram produzidos em tal sociedade local, mas pensados como um produto para alcance global. Ao se construir esses quadros, cremos que teremos um método para analisar a teoria quanto à construção e possíveis modificações de teodiceias a partir do exemplo retirado da própria existência do filme em questão. Longe de acreditar que ele seja representante único de tal discussão, vemos nele uma forma de exemplificação da teorização aqui construída e analisada.

Acreditamos que o cinema é uma linguagem com peculiaridades que lhe conferem sentido em sua composição textual, de forma que a produção fílmica é composta por unidades menores: enunciados, que se ligam a outros, harmonizando o discurso fílmico (Santos de Jesus, 2016). Para Penafria (2008), a análise de um filme é sinônimo de decompor o mesmo em duas etapas: 1) descrever a cena e, depois, 2) estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos. Porém, devemos considerar, segundo explica Vanoye e Goliot-Leté (1994), que a análise fílmica não é um fim em si. Ela dá lugar a uma produção escrita, que visa analisar as cenas em seus fragmentos que serão acompanhados de comentários.

A matriz religiosa é o que podemos chamar de mínimo denominador comum da religiosidade de determinado grupo, região ou país. É interessante notar que cada grupo religioso, “faz seu próprio recorte e combina seu repertório de crenças” (Brandão, 1978, p. 77), e é isso que ajuda a criar um substrato religioso-cultural de formas, estilos de espiritualidade e condutas religiosas dentro da sociedade, o qual busca traduzir a complexa

interação de ideias e símbolos religiosos que se amalgamaram em um decurso multissecular (Bittencourt Filho, 2003). A questão metodológica aqui, em resumo, consiste em um método capaz de produzir, após a discussão teórica, quadros contendo os cinco pontos derivados da matriz religiosa tal como sistematizado por Cunha (2004, 2004, pp. 63-64) para se analisar as cenas escolhidas dos filmes em questão. Eis os pontos:

1. Qual a compreensão de Deus mais comum nessa sociedade?
2. Qual compreensão da relação entre as pessoas e as divindades essa sociedade possui?
3. Qual a compreensão da oposição entre as divindades positivas *versus* negativas?
4. O que seria e qual a compreensão mais comum de fé?
5. Qual a relação que as pessoas têm com as instituições religiosas?

### O conflito das teodiceias na cultura contemporânea

Passaremos a discutir o desenvolvimento histórico das características das teodiceias oriental e ocidental. Assim, poderemos debater a influência do Oriente sobre o Ocidente enquanto proposta cultural, aplicando essa lógica à substituição da transcendência pela imanência para, então, conseguir analisar, na próxima seção, as cenas escolhidas dos filmes em questão.

Para problematizar de maneira mais complexa a discussão aqui empreendida, trazemos a crítica de Campbell quanto à orientalização do Ocidente. Mesmo parecendo estranho, devido a se perceber uma “ocidentalização do mundo” como processo intrínseco ao fenômeno maior da globalização, Campbell (1997) nos chama atenção para o fato de que, na cultura e principalmente na religião, diferentemente do que ocorre na economia e dos negócios, parece existir um movimento contrário em tal processo. Assim, ele argumenta que existiria uma orientalização do Ocidente. Tal processo levaria o Ocidente a uma gradual incorporação de traços culturalmente difundidos pelo Oriente, como, por exemplo, a substituição da transcendência de um ser pessoal, característica do espírito religioso do Ocidente, pela imanência impessoal que caracteriza a religiosidade oriental.

Levando em consideração a argumentação de Peter Berger (2012) quanto à não existência de um processo de secularização, ou seja, de um declínio na fé religiosa; e pensando o processo atual, na verdade, como uma pluralização de tais crenças, que não chegam ao fim, mas que ganham novas roupagens, tão diversas quanto pode imaginar a mente humana; é possível perceber que uma das bases fundantes é o pensamento de a modernidade recente se constituir como pluralista, relativista e mística, isto é, um estilo de vida regido pela lógica da emoção e do entretenimento, e este cenário contribuiria para esse processo de orientalização dos processos culturais e religiosos.

Ao se partir da crítica de Said (2008) quanto a uma invenção do pensar sobre o Oriente dentro de um olhar vindo do Ocidente, cremos que é válido argumentar que há historicamente certo fascínio do Ocidente diante de uma possível mística oriental. Também seria possível argumentar que tal atração é marcada por uma antiga ambiguidade entre o aceitar e o recusar fontes e visões formadoras de identidades em ambos os

lados. Entretanto, sem querer nos alongar nessa discussão, nosso foco aqui é na constatação de que a riqueza cultural do mundo oriental seria portadora de um exotismo inquietante, símbolo de beleza espiritual, força inspiradora e fonte de sabedoria que contrasta com a atual sublimação dos mitos, rituais, misticismo e mistérios tradicionais do mundo ocidental.

Esse olhar ambivalente do Ocidente para o Oriente esboça um cenário de como a formação ocidental foi absorvendo esses valores espirituais. Se na economia e na política a crítica de uma colonização ocidental faz sentido, também é verdade que o oposto pode ser verdadeiro no sentido religioso, pelo menos em alguns círculos ocidentais que aceitam cada vez mais as práticas orientais, mesmo dentro do escopo de um cristianismo mais tradicional (Dantas, 2020). E esse uso da mística oriental pode ser ainda mais perceptível dentro da cultura pop, tendo diversos exemplos recentes para demonstração desse argumento, tal como os filmes 1) Avatar, 2) Matrix, 3) Comer, Amar e Rezar e 4) Doutor Estranho, entre tantos outros exemplos.

A respeito de um possível encontro entre Oriente e Ocidente, Clarke (1997) explora, em seu livro *Iluminismo Oriental: O Encontro entre o Pensamento Asiático e o Ocidental*, o papel do orientalismo na moderna tradição intelectual do Ocidente, demonstrando em detalhes de que modo as ideias do Oriente têm se infiltrado em vários campos, como o da filosofia, psicologia e das religiões ocidentais. A afirmação de Campbell (1997) de que haveria uma orientalização do Ocidente pode soar estranha em tempos em que se diagnostica uma “ocidentalização do mundo” como processo intrínseco ao fenômeno maior da globalização. O autor, contudo, ciente dessa possível crítica, vai logo dissipando qualquer mal-entendido ao afirmar:

Estou usando o termo “Orientalização” para me referir a algo mais radical e mais amplo do que uma espécie de inversão do processo de “Coca-Cola-ização” [...]. Pois a tese aqui proposta é nada menos do que a afirmação de que o paradigma cultural ou Teodiceia que tem sustentado a prática e o pensamento Ocidental por cerca de 2000 anos está sofrendo um processo de substituição – e, com toda probabilidade, terá sido substituído, quando entrarmos no próximo milênio – pelo paradigma que tradicionalmente caracterizou o Oriente. Essa mudança radical tem sido, e continua sendo, ajudada pela introdução de ideias e influências do Oriente no Ocidente, mas o que tem sido de muito maior importância são os desenvolvimentos culturais e intelectuais dentro da própria civilização Ocidental, desenvolvimentos que têm sido grandemente responsáveis por apressar essa mudança de paradigma (Campbell, 1997, p. 6).

É importante sinalizar que a dinâmica desse processo de afastamento da teodiceia ocidental e consequente aproximação de uma teodiceia oriental não se dá através de uma ruptura abrupta. Paulatinamente, está havendo a adoção da orientalização, pois trata-se de um processo gradual de incorporação de traços culturalmente difundidos do Oriente, assemelhando-se muito ao modelo oriental de teodiceia, processo que se dá pela substituição da transcendência pessoal, que caracteriza o espírito religioso do Ocidente, pela imanência impessoal que caracteriza a religiosidade oriental.

Segundo Campbell (1997), que utiliza em parte as análises de Weber, uma situação de evidente diferença entre as teodiceias ocidental e oriental teria se mantido até pelo menos o século 18, quando, então, a situação no Ocidente passou a se modificar no sentido de uma gradual inclinação para o modelo oriental. A crise na teodiceia do

Ocidente, somando-se à mentalidade pluralista e a racionalização da ciência, é o cenário pelo qual a teodiceia oriental influencia a mentalidade ocidental, visto que, por ser mística, não sofre ataque da ciência e converge com o pensamento contemporâneo, de forma a mudar sua cosmovisão. Dentro desse cenário, a religião é conduzida a um estágio mais primitivo, mais voltado a um caráter mágico e animista, mais focado na impessoalidade da divindade, caracterizada pela força vital da filosofia oriental, que acaba por ser interpenetrada na realidade e não constituída como um ser a parte dela, tal como defenderia a tradicional teologia cristã.

A religião oriental tem como característica o sincretismo e a ênfase em que as verdades são alcançadas através da experiência espiritual e mística. Esse desenvolvimento da sociedade construiu a base para um possível início de uma substituição da imagem de um Deus pessoal ocidental para um Deus imanente oriental. Através destas duas tabelas, poderemos colocar em paralelo a diferença entre a teodiceia ocidental e oriental dentro do pensamento de Campbell (1997, pp. 8–9):

### Quadro 1: Paralelo entre a Teodiceia do Oriente e do Ocidente

Oriente	Ocidente
O homem e a natureza são um.	O homem tem características que o separam da natureza e do espiritual.
O espiritual e o físico são um.	O homem é corpo, espírito e mente.
O homem deve reconhecer sua unidade com a natureza, o espiritual e o mental, ao invés de tentar analisar, rotular, categorizar, manipular, controlar ou consumir as coisas do mundo.	O homem deve controlar manipular a natureza para garantir sua sobrevivência.
A ciência e a tecnologia criam, na melhor das hipóteses, uma ilusão de progresso.	A ciência e a tecnologia nos têm dado uma vida boa e são nossa principal esperança num futuro ainda melhor.
A iluminação envolve a aquisição do senso de unicidade com o universal.	A ação e o espírito competitivo devem ser recompensados.
A meditação, um estado especial de contemplação silenciosa, é essencial para aquisição da iluminação.	A celeridade dos processos não contempla a reflexão.

Fonte: Adaptado de Campbell (1997, p. 8).

Através do pensamento de Campbell (1997), esse embate entre as duas narrativas básicas pode ajudar na resignificação do modo como o ser humano se percebe, estabelece raciocínio e vê o mundo e seus habitantes. Assim, elementos como o cosmo, o sofrimento, a dor, a injustiça e os movimentos da natureza são repensados à luz de uma nova visão. Ou seja, a disputa entre as teodiceias ocidental e oriental traz duas tendências, a “ocidentalização” supracitada como a expansão mundial do modelo econômico ocidental e a “orientalização” que se refere à expansão mundial de outras fontes de significação do cosmos, do humano e de suas relações. Campbell (1997, p. 20) conclui que:

O paradigma dominante ou teodiceia que serviu tão efetivamente ao Ocidente por

2000 anos finalmente perdeu seu controle sobre a maioria da população na Europa Ocidental e na América do Norte. Essas não sustentam mais uma visão de mundo dividido em matéria e espírito e governado por um Deus criador, pessoal e todo-poderoso, que tenha colocado suas criaturas acima do resto da criação. Essa visão foi abandonada e, com ela, toda justificativa em favor do domínio do homem sobre a natureza. Em seu lugar foi posta a visão fundamentalmente Oriental da humanidade como parte da entrelaçada teia de vida espiritual e sensitiva.

Follis (2017, p. 61), ao articular o pensamento de Campbell, discute os paradoxos existentes no que podemos chamar de modernidade recente. Na contemporaneidade, gerar-se-ia o paradoxo entre o “fim” de uma religiosidade e o “início” de outra. Isso se dá, afinal, pelo fato de a modernidade abolir “a religião, enquanto sistema de significações e motor dos esforços humanos” ao mesmo “tempo [em que] ela cria o espaço-tempo de uma utopia que, em sua própria estrutura, continua ligada a uma problemática religiosa de prática e de salvação”.

Dessa forma, a modernidade rejeitaria a visão religiosa judaico-cristã que entende a utopia como o paraíso celestial a ser alcançado e proporia a possibilidade de uma vida melhor hoje. Se essa realidade não é possível de ser encontrada por completo, é, no mínimo, o ideal utópico vendido e aceito na modernidade, o que geraria desencantamento das utopias modernas e abriria espaço para que novas utopias surjam. Dentro desse cenário, a modernidade recente faz com que “a memória coletiva forme a memória do indivíduo, forjando sua identidade a partir das relações sociais nas quais ele interage e é ‘interagido’ através do meio social” (Follis, 2017, p. 62).

### **Análise de cenas da trilogia de filmes O senhor dos anéis**

Após o levantamento teórico acima, podemos partir para a análise fílmica propriamente dita, considerando os aspectos internos e externos. Os aspectos internos se referem aos elementos que darão forma ao produto, sendo necessário a desconstrução do filme (Mombelli et al., 2014) “para obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme” (Mombelli et al., 2014, p. 3). Devemos considerar, assim como afirma Rutledge (2004, pp. 56-59), que a obra de Tolkien é uma obra

[...] sobre Deus em primeiro lugar. Então é sobre (em nenhuma ordem particular) Providência, história, forças demoníacas, arcanjos, anjos, servidão e libertação, justiça e misericórdia, fracasso e restauração, amizade e sacrifício, santificação e glorificação, eleição divina e liberdade humana. O Senhor dos Anéis é como a Bíblia em sua estrutura narrativa, pois a Bíblia é acima de tudo uma narrativa – uma narrativa dos poderosos atos de libertação de Deus.

A partir de agora analisaremos as três cenas do filme, utilizando a metodologia de estudo da matriz religiosa já explicada anteriormente.

#### *Cena 1 – Frodo é chamado para a missão*

Bilbo completa sua missão em *The Hobbit* e, no início do filme *A Sociedade do Anel*, Frodo seria chamado para dar continuidade à missão de ser o portador do Um



Anel. Gandalf tem uma longa conversa com Bilbo, que demonstra muita resistência para entregar o anel, mostrando que até seu comportamento dócil de hobbit havia mudado, parecendo mais com o de Gollum, o ex-dono do anel, ao exclamar: “É meu, eu te digo. Meu próprio. Meu precioso. Sim, meu precioso” (Tolkien, 2012). Gandalf percebe a mudança no comportamento de Bilbo e teme que ele siga o mesmo caminho de destruição vivido por Gollum, devido à influência maligna que o Um Anel tem sobre aquele que o carrega. Após uma cena dramática, Gandalf consegue pegar o anel de Bilbo. A partir de então, Frodo, sobrinho de Bilbo, receberia a responsabilidade de seguir na missão de destruir o Um Anel.

A saga de Tolkien gira em torno da missão de Frodo, pois, como confirma Wood (1993, p. 209), “a destruição do anel é nada menos que a vocação de Frodo”. Uma das cenas emblemáticas envolvendo o início dessa missão aparece no primeiro filme lá pelo minuto 36. Nela, é traçado o seguinte diálogo:

Gandalf: “Não ousou pegá-lo [...] Eu usaria esse anel com o desejo de fazer o bem, mas através de mim teria um poder muito grande e terrível para imaginar”.  
Frodo: “Mas, não pode ficar no Condado”.  
Gandalf: “Não! Não pode”.  
Frodo: “E o que devo fazer?”  
Gandalf: “Deve sair do Condado. Vá para a vila Bri”.

Assim, inicia-se propriamente a missão de Frodo, de levar o anel para fora do Condado e, finalmente, o destruir. Já no início de sua missão, Frodo se depara com a história sobre Gollum, um ser dominado pelo poder do anel e que acabou se transformando em algo repugnante. Ao caracterizá-lo de tal maneira, Gandalf responde a Frodo que Gollum tem “uma história triste”, que poderia “ter acontecido com outros, até mesmo com alguns hobbits que eu conheci” (Tolkien, 2011, p. 54). Tolkien, através do personagem Gandalf, conduz uma questão central em sua trilogia, sobre tolerância e julgamento. Devemos considerar que o autor escreveu *O Senhor dos Anéis* após ter lutado na Primeira Guerra Mundial e estar vivendo no contexto da Segunda. Dentro desse cenário, é de se esperar que a própria noção da desumanização, e até mesmo da demonização dos outros, possa ser trabalhada em sua obra. Isso pode ser visto como uma forma de crítica ao fato de que, quando assim agimos, podemos não ver problemas em matar e exterminar para se obter os resultados que esperamos ou almejamos. Frodo, a princípio, parece demonstrar imaturidade em relação à condição que Gollum se encontra e, devido a isso, se faz necessária a intervenção de Gandalf, que, no livro, diz o seguinte:

[...] havia algo mais nisso, eu acho, que você ainda não viu. Nem mesmo Gollum estava totalmente arruinado. Ele havia se mostrado mais duro do que um dos sábios teria adivinhado – como um hobbit poderia. Havia um pequeno canto de sua mente que ainda era seu, e a luz veio através dele, como através de uma fenda no escuro: a luz do passado (Tolkien, 2011, pp. 54–55).

Gandalf traz uma questão importante nesse trecho. Para ele, até aqueles que “parecem maus” não estão totalmente arruinados. Assim, existe esperança até mesmo para Gollum. Aqui, é relevante considerar aquilo que argumenta Casagrande (2018, p. 137), quanto à “narrativa fílmica” sobre o conflito e a relação de Sméagol com Frodo

ser estruturalmente diferente do contato no livro. Essa autora argumenta que no livro existe maior consciência da parte de Frodo quanto a “más intenções de Gollum”, desde o início da jornada, e que ele não aparece com o personagem ingênuo tal como retratado no filme. Essa modificação se dá por uma necessidade dramática de roteiro, mas, perde-se grande parte do impacto filosófico original.

Tolkien enfatizou o conhecimento da natureza má de Sméagol/Gollum por parte de Frodo como demonstração da maneira como as palavras de Gandalf tiveram impacto sobre ele. Aqui se relata grande misericórdia vinda de Frodo perante um ser que necessitava dela, mesmo sem a merecer por completo ou de maneira a priori. Essa questão está intimamente ligada a uma construção teodiceica, constituindo-se uma importante quebra filosófica entre filme e livro. Entretanto, não existem evidências fortes de que ela se dê por motivos de mudanças propositais de teodiceia por parte dos roteiristas, caminhando por uma orientalização, por assim dizer. Nem mesmo por uma perda do objetivo primário da obra em si, nem por uma negação dele por parte do diretor/roteirista. Crê-se mais que isso se dê por uma questão comercial, objeto da própria crítica de Christopher Tolkien, tal como trazida pela mesma Casagrande (2018, p. 84). A concepção original de redenção está na obra fílmica, podendo ser observada claramente em toda a estrutura narrativa sobre Gollum. Ele acaba por se colocar como um ser egoísta e que pensa apenas em si mesmo, dentro da busca por retomar o Um Anel, mesmo que para isso ele tenha que, novamente, matar uma pessoa que está de posse do seu “Precioso”. Entretanto, por outro lado, a Frodo não se dá tanto o crédito da misericórdia em si.

Além disso, no desenvolvimento de roteiro, também é possível notar que, embora no livro tenhamos apenas uma cena bem marcada em que Gollum luta consigo mesmo para saber se deveria ser bom ou mal com Frodo e Sam, nos filmes este embate se transforma em quatro momentos, três na segunda obra e uma na terceira. O que indica uma relação deliberada dos roteiristas de enfatizar o desenvolvimento do conflito de tal personagem, dando a ele e a sua queda uma importância maior do que se dá a misericórdia de Frodo para com ele, tal como vista no livro.

Nesse primeiro excerto, podemos argumentar que não necessariamente a abordagem criada por Tolkien e passada para o cinema levaria para uma orientalização da teodiceia, embora se note uma perda da graça como articuladora das ações de Frodo perante Gollum, o que poderia estar mais ancorado como uma marca de uma abordagem pós-cristã do necessariamente orientalizada. No quadro 2, a seguir, sistematizamos os dados encontrados nessa primeira cena a partir dos cinco pilares da Matriz Religiosa.

A figura que mais bem sintetiza essa batalha entre o bem e o mal é o hobbit que se transformou, por causa do uso do anel, em um ser transtornado pela força do mal e que teve seu nome mudado, desde então, para Gollum. Esse conflito é retratado em outros personagens (Santos de Jesus, 2016, p. 88), como visto no quadro abaixo. Entretanto, deve-se levar em consideração que o seu alinhamento não precisaria ser totalizante, ou seja, cada qual, em determinado momento ou ação, poderia ter escolhido não estar caracterizado em tais categorias. Isso é algo demonstrando no filme, por mais que a crítica anterior considere que exista uma diminuição da percepção do papel da fé e da graça em se esperar a redenção, para se usar um termo teológico, de Gollum.

Mas a crítica que pode ser feita anteriormente não está, por si só, ancorada em todos as demais personagens, pois há espaço em inúmeros momentos para se considerar que existiu, sim, redenção e libertação.

### Quadro 2 – Análise da cena 1 (A missão de Frodo)

<b>Compreensão de Deus</b>	No começo, Eru, o Único, chamado Ilúvatar. Grande poder vem do Ocidente, e a Fortaleza do Inimigo é destruída. É ele quem, apesar das ações de Sauron em tentar manter o Um Anel, controla o processo e trabalha por meio da bondade e da benevolência de diversos personagens.
<b>Compreensão da relação com Deus</b>	Deus é identificado como o The One (Único), Ilúvatar, Pai de todos, uma Pessoa que está sempre presente, mas seu nome não aparece em O Senhor dos Anéis, apesar de se ter claro que é Ele quem governa a história e dá sentido a busca dos heróis.
<b>Compreensão da oposição de divindades Positivas vs. Negativas</b>	Parece não existir o mal absoluto, nem mesmo na personificação de Sauron ou de Gollum quando tenta reaver o Um Anel. O contexto tem aprisionado todas criaturas, mas existe possibilidade de se ver a bondade mesmo em meio à maldade. O que “flertaria” com uma ideia mais animista, mas que não é corroborado pela visão do autor. Embora isso quase se perca na relação entre Gollum, Frodo e o Um Anel, devido ao roteiro do filme.
<b>Compreensão de fé</b>	A destruição do Anel é nada menos que a vocação de Frodo, o único que pode resistir ao poder do anel. A relação entre Frodo e Gollum é mediada, mesmo que de maneira não tão clara na obra fílmica, o que se pode ser criticado na construção do roteiro. No livro, é por uma questão de fé que Frodo acredita que a criatura possa viver uma redenção.
<b>Relação com as instituições religiosas</b>	Polarização entre as forças que acreditam na bondade, representada pela Sociedade do Anel e os povos da Terra-Média, contra as forças de Sauron representada pelos orcs e personalizada pelo poder corruptor do Um Anel.

Fonte: Elaboração dos autores (2020).

### Quadro 3 – Forças do bem e do mal na Trilogia O Senhor dos Anéis

<b>Forças do bem</b>	<b>Forças do mal</b>
Aliança (entre elfos, anões, homens, hobbits)	As forças de Mordor e Sauron
A sociedade do anel	Os Nazgul
Aragorn	Boromir
Elfos	Uruk Hai
Frodo	Gollum
Gandalf	Saruman

Fonte: adaptado de Santos de Jesus (2016, p. 88).

Que poder é esse que, em uma mente obscurecida como a de Gollum, ainda permite que exista luz? Dentro dessas descrições enfatizadas pela obra de Tolkien e traduzidas para as telas pelos roteiristas, percebe-se que o autor utiliza as características bíblicas de Deus em seu personagem Eru, que também é chamado de *The One*, Ilúvatar e o

Grande Poder (embora isso não ocorra diretamente em *O Senhor dos Anéis*, está presente nas demais obras que expandem tal saga). Eru é o Criador, o Todo Poderoso e o que atua indiretamente na trilogia de Tolkien. Deus é identificado como o *The One* (Único), Ilúvatar, Pai de todos, uma pessoa que está sempre presente, mas nunca seu nome aparece, como podemos ver em suas cartas nas páginas 204, 235 e 252 (Tolkien, J.; Carpenter; Tolkien, C., 2000). Tolkien entende Deus:

[...] no sentido bíblico, não como o objeto da busca ou jornada humana, não como o objetivo do esforço moral ou atividade religiosa humana, mas como o sujeito ativo, chamando e enviando, independente da criação, mas sempre envolvido nas atividades redentoras em seu nome. Tolkien queria mostrar aos seus leitores como essa atividade invisível, mas sempre presente, se manifesta na vida terrena. Em particular, acredito que Tolkien nos deu um raro vislumbre do que a liberdade humana dentro do Plano Divino de Deus realmente significa (Rutledge, 2004, p. 72).

Deus, mesmo não sendo visto, age ao longo da trilogia. Tolkien afirma que sua saga “é sobre Deus e seu direito exclusivo à honra divina” (Tolkien, J.; Carpenter; Tolkien, C., 2000, p. 243). Santos de Jesus (2016, p. 60) ainda descreve:

[...] tomando ainda como exemplo o personagem/enunciador Frodo, ressaltamos a sua obediência ao seu destino, como missionário, salvador da Terra Média. Na mesma medida, ele deve estabelecer vigilância consigo mesmo, para que não caia em tentação imposta pelo anel do poder.

Embora exista uma tendência em se pensar que a trilogia *O Senhor dos Anéis* seja uma batalha entre o bem e o mal, o tema principal não está na batalha, mas no triunfo do bem sobre o mal. O autor esclarece que, mesmo na personificação de Sauron, é difícil afirmar que existe o mal absoluto. Dessa forma, a visão apresentada sobre o mal por Tolkien na trilogia corrobora a contextualização bíblica que acredita na existência do mal ao mesmo tempo em que coloca a própria questão do livre-arbítrio como ponto de articulação entre o bem e o mal em cada pessoa. Nas próprias palavras do autor, “na minha história, não lidei com o mal absoluto. Eu não acho que exista tal coisa. [...]. Eu não acho que, de qualquer forma, qualquer ser racional seja totalmente maligno” (Tolkien; Carpenter; Tolkien, 2000, p. 243). Essa ideia, associada à noção de redenção, contraria uma lógica animista/orientalista, de que em todos existem um pouco do bem e do mal. E que está em acordo com a noção de redenção e misericórdia defendida pela teodiceia cristã. E isso é visto tanto no filme como no livro.

### *Cena 2 – A batalha Hornburg*

A segunda cena escolhida aparece no filme *As duas torres* (2013), quando ocorre a batalha de Hornburg, também chamada Helms Deep. Aragorn, Legolas e Gimli chegam a Rohan, um reino de cavaleiros, e, junto com Gandalf, libertam o rei Théoden que vivia como escravo de Saruman. Após isso, eles se dividem: enquanto Gandalf vai em busca de mais ajuda, os demais partem para ajudar seus amigos que estão em Helms Deep. Enquanto isso, Théoden prepara a cidade para a guerra. Porém, o exército de Saruman é muito mais forte. Quando a cidade está prestes a cair, Gandalf chega em

seu cavalo branco, com a cavalaria de Rohan, para destruir o exército inimigo. Dessa forma, a batalha de Hornburg é vencida pelos humanos em parceria com os Elfos.

No quadro 4, abaixo, existe uma indicação muito forte de que, de maneira parecida com a primeira cena analisada, não existe uma tendência orientalista na teodiceia utilizada pela narrativa de Tolkien, sendo coerente com a tradição cristã desse autor. Apesar disso, é prudente notar que não existe também uma preocupação por parte do autor em tornar sua narrativa claramente cristã ou ocidental, afinal, ele se utiliza de muitos instrumentos míticos e fantasiosos para construir uma história épica. E é neles que a série de filmes mais se baseia, não estando tão preocupada em transparecer mais do que a epiderme nessa discussão sobre o bem, o mal e o triunfo milagroso que na batalha se percebe. Nessa história, como podemos ver no quadro abaixo e já discutidos na cena anterior, a luta entre o bem e o mal acaba sendo a principal fonte construtora de narrativa, mostrando que a natureza humana sempre poderá ser composta desses dois lados, cabendo a nós escolher quais batalhas lutar e em quais guerras aceitamos morrer.

#### Quadro 4 – Cena 2 (A Batalha de Hornburg)

<b>Compreensão de Deus</b>	Somente um poder externo poderia trazer a vitória dentro da batalha. No filme, ele é mostrado de maneira mais natural, enquanto no livro se enfatiza o fato de que o necessário seria um milagre.
<b>Compreensão da relação com Deus</b>	No filme, a atuação de uma força externa se dá de forma indireta nos momentos cruciais da saga, sendo ela representada por Gandalf. No livro isso ocorre, mas se coloca em evidência a questão da Providência como relevante junto à própria noção de que é preciso existirem parcerias constituídas.
<b>Compreensão da oposição de divindades Positivas vs. Negativas</b>	O bem e o mal estão claramente definidos. De um lado, está Sauron, do outro, a Sociedade do Anel, não sendo demonstrada uma ambiguidade nestes lados. Embora haja a misericórdia, tal como argumentado anteriormente, aqui se enfatiza também a possibilidade de definição de lados de maneira clara e objetiva, como forma de escolha dos próprios indivíduos.
<b>Compreensão de fé</b>	O uso do anel pode trazer vantagens na batalha. Mas, usá-lo pode acarretar a perda do equilíbrio e a mudança de lado de seu portador. Assim, o lado negro se mostra perigoso e deve ser evitado, cabendo a decisão à fé e à esperança sobre o futuro que cada pessoa tem. Aqui, vemos a fé articulada tanto com a Providência como do Livre Arbítrio para crer que ela ocorrerá. Enfim, dado a sua limitação de linguagem, o filme trabalha menos essa questão do que o livro.
<b>Relação com as instituições religiosas</b>	As instituições são formadas pela polarização entre as forças do bem e do mal (Sauron contra a Sociedade do Anel). Eles acreditavam que uma união (instituição) entre os povos da Terra-Média ajudaria na batalha contra o mal. A Providência sobre o socorro que virá é algo bem trabalhado e que está ligado à questão quanto a esse quadro maior de parcerias e confianças entre pares.

Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Em meio a essa cena, quando Gandalf ainda está preso junto a Sauron, ele tenta explicar que o altruísmo é mais válido do que o mero acúmulo de poder que pode ser trazido pelo anel. Entretanto, Sauron acredita que, na verdade, tudo se resume ao poder

e que, no fundo, a Sociedade do Anel apenas quer derrubá-lo para obter este poder. Ele não acredita na bondade como um processo em si, que deriva da Providência e gera a Graça/Misericórdia. A ideia de Sauron de usar o anel lhe dá a certeza de que a vitória seria fácil. E isso é corroborado também por Gandalf e os demais, afinal, eles acreditam que o uso do anel realmente seria um diferencial enorme nessa batalha. E, paradoxalmente, essa é a mesma razão que os levam a crer que o anel, na verdade, deveria ser destruído. No livro, diferente do filme, Gandalf, em um determinado momento, reflete no fato de que “somente o uso do anel poderia nos dar a garantia de vitória” (Tolkien, 2012, p. 498). Ou seja, o uso do anel poderia trazer vantagens para derrotar o inimigo, uma vez que ele imagina que uma possível derrota poderia acontecer, mas, dentro desta tentação, ele considera que desta forma o mal não seria derrotado, afirmando que, mesmo com o pretense auxílio do anel, o lado “negro é ainda mais poderoso” (Tolkien, 2012, p. 498).

Gandalf entendeu que ninguém está imune ao poder e sua influência. Assim, temos aqui mais um indicativo do que já foi abordado na primeira cena analisada: todos os personagens são maus por natureza, mas podem escolher não o ser. Com isso, tanto aqueles que lutam por Sauron, como os que são conduzidos por Ilúvatar, vivem momentos em que fazem coisas boas e momentos em que fazem coisas ruins. Como, por exemplo, Sam se porta como um bom personagem que ajuda e cuida de Frodo em diversos momentos, mas trata Gollum de forma ruim e não consegue ver nele nada mais do que a maldade que nele transparece. Até mesmo Saruman, que chegou a ajudar Gandalf contra os Necromantes, acaba por se decidir por depois lutar contra Gandalf. A discussão que fica é: o filme abordar essa questão de maneira mais periférica é próprio de sua natureza discursiva ou apenas uma fragilidade de construção de teodiceia? Cremos que, ao analisar a próxima cena, poderemos chegar a uma consideração mais precisa sobre isso.

### *Cena 3 – A batalha do Black Gate*

A jornada de *O Senhor dos Anéis* alcança o seu momento crucial. De um lado, o exército liderado por Aragorn; do outro, o exército de orcs conduzidos por Sauron. Esse é o cenário formado para a batalha final. Enquanto o exército de Aragorn vai em direção ao Black Gate, dentro dos portões se encontram Frodo e seu amigo Sam. Do lado de fora, Gandalf se comove com a aparente morte de Frodo, mas ele se encontra a uma pequena distância do Mount Doom e, conseqüentemente, perto de completar sua missão de destruir o anel e acabar de uma vez por todas com a batalha do bem contra o mal.

Aragorn, que também recebeu a falsa notícia sobre a morte de Frodo, não se deixa abater e dá início à batalha final fora dos portões. O exército de Sauron é muito maior e a derrota parece evidente, tanto fora como dentro de Mordor. No entanto, Sauron comete um erro: inexplicavelmente, ele não consegue perceber a presença dos hobbits dentro de sua própria terra e posiciona todo seu exército em frente ao Black Gate para destruir os exércitos da Sociedade do Anel.

Sauron estava focado nas pessoas erradas, no lugar errado e no tempo errado. A sua tática foi mal direcionada, pois todo o seu exército estava às portas para destruir

Aragorn, enquanto Frodo e Sam estavam perto de concluir sua missão. Interessante que Sauron foi incapaz de enxergar que a tarefa principal da Sociedade do Anel, e a principal ameaça, não estava em frente ao Black Gate, mas dentro da terra de Mordor, próximo de completar a missão da destruição do anel. Aqui está o centro da teodiceia de Tolkien, que o filme trabalha bem. O poder corrompe e deve ser, por isso evitado. Não por ele não funcionar, mas por ele cobrar um alto preço. Isso ocorre com Gollum, como vimos na primeira cena. E essa é a realidade que cega Sauron, mesmo depois de perder a batalha narrada na cena anterior. Em uma cena dramática e com grande dificuldade devido ao poder emanado pelo anel, Frodo e Sam conseguem destruir o artefato dentro do monte e todas as forças do inimigo são destruídas. Conforme Casagrande (2018, p. 116), isso só foi possível devido, justamente, ao poder corrompedor do Um Anel na vida de Gollum.

Gollum se arrasta. Não aceita aquele que era, mas também não aceita aquele que é. Essa crise chega ao seu ápice quando ele encontra Frodo no abismo de fogo da Montanha da Perdição em Mordor, com o Um Anel em suas mãos. Em seu momento mais decisivo, Gollum já não pensa. Sua aniquilação, ou melhor, a de Sméagol, é um simples tropeço. Absorto pela atração do Anel em seu poder, Gollum despenca no abismo de uma forma tão estúpida quanto a sua fissura pelo Anel, um objeto tão pequeno, mas tão perigoso.

Tal relação pode ser percebida no quadro 5, a seguir:

### Quadro 5 – Cena 3 (a batalha de Black Gate)

<b>Compreensão de Deus</b>	Deus não aparece, mas atuou de forma a garantir as vitórias nos momentos cruciais de cada batalha. Essa relação pode ser vista como orientalista no sentido de não declarar diretamente a existência de um Ser pessoal que rege o processo histórico. Entretanto, por outro lado, não se vislumbra, necessariamente, uma impessoalidade enquanto processo divino. O que vemos é apenas uma ausência de tal discussão de maneira clara, não necessariamente na estrutura narrativa de fundo.
<b>Compreensão da relação com Deus</b>	Eles entendiam que, por serem em menor número, seria mais difícil conquistar a vitória, mas não temiam o inimigo por crer que o bem vence o mal, mesmo que sem uma comprovação cabal disso de maneira externa. Aqui, a noção de Providência é perceptível, tanto no filme como no livro.
<b>Compreensão da oposição de divindades Positivas vs. Negativas</b>	Sauron, assim como Gollum, acabam se perdendo devido à busca desenfreada pelo Poder. A misericórdia foi oferecida para todos, em diversos momentos da trama, do filme e do livro. Apesar de o livro ser mais claro do que o filme nessa questão, o pano de fundo é o mesmo: é possível escolher entre as forças do bem e do mal. O mal corrompe. O bem liberta. A escolha, por mais sedutora que possa ser, é livre e para todos.
<b>Compreensão de fé</b>	A esperança é exclamada desta forma: "Eu ainda espero pela vitória, mas não pelas armas... Se [o Anel] for destruído, então [Sauron] cairá [...] e assim o grande mal deste mundo será removido". A Providência é a característica básica da fé.
<b>Relação com as instituições religiosas</b>	Polarização entre os humanos, os dwarves, os elfos, os hobbits contra os orcs. O bem contra o mal.

Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Muitas pessoas reclamaram para Tolkien sobre o porquê de ele permitir que Frodo falhasse no momento decisivo. Sobre isso, ele respondeu que “o poder do mal no mundo não é finalmente resistível por criaturas encarnadas [...] e o Escritor da História [Deus] não é um de nós” (Tolkien, 2000, p. 252). Ao fim desta terceira cena, percebe-se o fechamento épico da trilogia de filmes com o bem vencendo o mal. Apesar de que, no livro, ainda existem mais de 80 páginas contando o que ocorre depois de tudo isso, mostrando as consequências de tais ações. Isso indica que a vida é mais do que o heroísmo em si, sendo feita de escolhas dia-a-dia.

Novamente, aqui não se evidencia a relação entre a perspectiva oriental e ocidental descrita por Campbell, apesar do contexto mágico, em um aspecto distinto de qualquer evidência material contemporânea, lembrando o Medievo em seu pano de fundo de imagens e representações supostamente míticas. Pode-se considerar essa cena, quanto à narrativa como um todo, muito mais ocidental do que oriental, senão em sua utilização de elementos míticos, mas em sua estrutura epistemológica quanto à sua construção teodiceica.

### Considerações finais

Conforme Canale, é necessário buscar o princípio cognitivo na teologia cristã. Esse princípio, no entanto, deve transcender a própria premissa puramente racional/iluminista e abraçar também, por exemplo, as subcriações sobre as quais Tolkien tanto escreveu. Na trilogia *O Senhor dos Anéis*, encontramos muitas aproximações com a teodiceia ocidental tradicional, mesmo que, em alguns elementos da obra, estejam presentes de forma indireta, como a ação de Deus ao longo da narrativa. É interessante notar que, em termos de construção da narrativa e da história, não podemos dizer que seja o filme ou livro uma obra que troque a teodiceia ocidental por uma oriental, estando, na verdade, toda a construção analisada ancorada em uma tradição aparentemente forte vinda da crença do autor no cristianismo católico romano. Entretanto, tal relação não torna a crítica de Campbell infrutífera, pois, como argumentamos, um filme é a soma de seu contexto de produção, assim como de sua forma de recepção. Assim, cabem aqui duas perguntas para estudos posteriores: será que tal vertente teodiceica acabaria sendo notada por aqueles que não a tem como ponto articulador de suas filosofias? Quais seriam, enfim, as influências de tais construções perante a recepção de um espectador movido por uma sociedade, tal como apregoada por Campbell, que cada vez mais troca a religiosidade tradicional por um processo orientalizador? Contudo, um elemento deve ser refletido: a crítica feita por Christopher Tolkien sobre os perigos da mercantilização da obra em formato de filme, pode ter alguma base, principalmente quanto a uma possível perda filosófica que o livro traz em si.

### Referências

BERGER, P. L.; ZIJDERVELD, A. C. Em favor da dúvida: como ter convicções sem ser um fanático. São Paulo: Campús, 2012.



BITTENCOURT FILHO, J. Matriz religiosa brasileira. Religiosidade e mudança social. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/Koinonia, 2003. pp. 40-41. Disponível em: <[http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/548/509](http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/548/509)>. Acesso em: 14 Nov. 2019.

BOBSIN, O. (Org). Uma Religião chamada Brasil. São Leopoldo: Editora Oikos, 2012.

BRANDÃO, C. R. O número dos eleitos: religião e ideologia religiosa em uma sociedade de economia agrária no Estado de São Paulo. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 3, pp. 53-92, out. 1978.

CAMPBELL, C. A Orientalização do Ocidente: reflexões para uma nova teodiceia para um Novo Milênio. *Jornal Religião e Sociedade*. v. 18, n. 1, pp. 5-22, jul. 1997. Disponível em: <http://bit.ly/2mHLYkU>. Acesso em 19 Nov. 2017.

CANALE, F. Princípios Elementares da Teologia Cristã: a Bíblia substituindo a tradição. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2018.

CARMO, F. Revelação e Cultura: Reflexões Bíblicas para o Cotidiano. In: NOVAES, A.; CARMO, F. O adventista e a cultura pop. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2017.

CASAGRANDE, Cristina. A amizade em O Senhor dos Anéis. São Paulo: Martin Claret, 2018.

CLARKE JOHN, J. *Oriental enlightenment: the encounter between Asian and Western thought*. Routledge London, 1997.

CUNHA, M. N. Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário evangélico no Brasil. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Comunicação Social) ECA-USP: São Paulo, 2004. Disponível em: <http://bit.ly/2zieRk0>. Acesso em 19/11/2017.

CUNHA, M. N. *A Explosão Gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

DANTAS, R. Esticando para Jesus: yoga cristã, corporeidade e transcendência. *Rever*, São Paulo, v. 20, n. 1, jan/abr 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.23925/1677-1222.2020vol20i1a5>>. Acesso em 20 Abr. de 2020.

DURIEZ, C. *The J.R.R Tolkien Handbook*. Grand Rapids: Baker Book, 1992.

FOLLIS, R. Memória, mídia e transmissão religiosa: estudo de caso da Revista Adventista (1906-2010). Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1650>. Acesso em 19/11/2017.

GREGGERSEN, Gabriele. *O Senhor dos Anéis: da fantasia à ética*. Viçosa: Ultimato, 2003.

MOMBELLI N. F.; TOMAIN C. S. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. *Revista Lumina*, v. 8, n. 2, p. 1-17, dez. 2014. Disponível em: <https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/323>. Acesso em 19 Nov 2017.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PENAFRIA, M. *Análise de Filmes: conceitos e metodologia(s)*. VI Congresso SOPCOM. abr. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em 26 Nov. 2017.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. *Alea*, v. 7, n. 2, pp. 305-322, dez. de 2005. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf). Acesso em 17 ago. de 2018.

RUTLEDGE, F. *The Battle for Middle-earth: Tolkien's Divine Design in The Lord of the Rings*. Kindle Edition: Eerdmans Publishing, 2004.

THE LORD OF THE RINGS / FILM SERIES. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Lord\\_of\\_the\\_Rings\\_\(film\\_series\)](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Lord_of_the_Rings_(film_series))>. Acesso em: 23 jan. 2019.

TOLKIEN, J. R. R. *The fellowship of the ring*. Paperback ed. London: HarperCollins, 2011.

TOLKIEN, J. R. R. *The Lord of the Rings: One Volume*. EUA: Houghton Mifflin Harcourt, 2012. [Kindle Edition]

TOLKIEN, J. R. R.; CARPENTER, H.; TOLKIEN, C. *The letters of J.R.R. Tolkien: a selection*. Boston: Houghton Mifflin Co, 2000.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

WOOD, R. C. *Traveling the one road: The Lord of the Rings as a “pre-Christian” classic*. *The Christian Century*, pp. 208–211, 24 fev. 1993. Disponível em: [https://issuu.com/ismaelsilva/docs/03\\_traveling\\_the\\_one\\_road\\_wood](https://issuu.com/ismaelsilva/docs/03_traveling_the_one_road_wood)>. Acesso em 3 Set. 2018.

Recebido: 30/06/2020

Aprovado: 03/11/2020

Editor: Alfredo Teixeira